



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**ASSENTAMENTOS HUMANOS
NARRATIVAS JORNALÍSTICAS DE VIAGEM E
O USO DA GRANDE-REPORTAGEM MULTIMÍDIA**

LORAINÉ FRANÇA GONÇALVES

Campo Grande
NOVEMBRO/2017

**ASSENTAMENTOS HUMANOS
NARRATIVAS JORNALÍSTICAS DE VIAGEM E
O USO DA GRANDE-REPORTAGEM MULTIMÍDIA**

LORAINE FRANÇA GONÇALVES

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projetos Experimentais do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Edson Silva

Projetos Experimentais 2017

ATA DE AVALIAÇÃO

Título do Trabalho:

Assentamentos Humanos – Narrativas Jornalísticas de Viagem e o Uso da Grande Reportagem Multimídia

Modalidade:

Acadêmicos:

Loraine França Gonçalves

Orientador:

Edson Silva

Data: 13/12/2017

Local: Anfiteatro FAALC

Avaliação: Aprovado () Reprovado

Considerações:

- A Banca Examinadora:
- ① Destaca a qualidade do trabalho
 - ② Contribuiu da pesquisa
 - ③ Deu visibilidade ao trabalho com subsídios a congressos e periódicos
 - ④ Considerando o exposto, a banca aprova o trabalho com distinção.

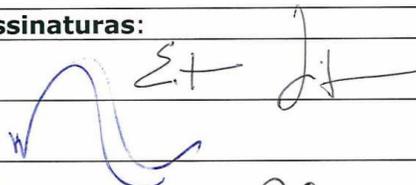
Banca Examinadora:

Edson Silva

Marcos Paulo da Silva

Débora Alves Pereira Cabrita

Assinaturas:





SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
1. Atividades desenvolvidas	9
1.1 Execução	9
1.2 Dificuldades encontradas	20
1.3 Objetivos alcançados	22
2. Suportes teóricos adotados	23
Considerações finais	33
Referências	35

RESUMO:

O Projeto Experimental estuda as narrativas jornalísticas de viagem, aplicando o conceito na construção do olhar ético sobre os assentamentos humanos. A viagem quando associada à observação jornalística, com o compromisso social-ético, permite o desenvolvimento de narrativas diferenciadas. A viagem pressupõe a ação de uma pessoa em um determinado tempo e espaço, logo, concluímos que viagem é narrativa. Para o desenvolvimento deste trabalho, escolheu-se a comunidade ribeirinha localizada na Área de Proteção Ambiental (APA) Baía Negra, em Ladário (MS). A visibilidade dessa população foi construída na perspectiva dos direitos humanos fundamentais e investigando-se problemas sociais urgentes. A realização de viagem até o local, aliada à imersão, bem como à pesquisa jornalística exaustiva para composição de documento de pesquisa foram as bases para a construção da grande-reportagem multimídia, intitulada “Eles vivem no meio da rodovia”, e narrativas complexas que evidenciam os dramas humanos da população da APA Baía Negra.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo – Narrativas jornalísticas de viagem – Grande-reportagem multimídia – Assentamentos Humanos – Direitos Humanos – APA Baía Negra

INTRODUÇÃO

A palavra viagem é definida como a ação de se deslocar de um lugar a outro, geralmente percorrendo uma longa distância. Jornalistas, descobridores e turistas realizam viagens e relatam fatos e outras observações encontradas no percurso. De acordo com Fernández (2004):

No contexto da multiplicidade de estímulos que levam o homem a viajar, a curiosidade, o desejo de saber ocupam um lugar de destaque em quase todas as épocas e, por si, a viagem na idade jovem é atribuída a um alto valor formativo. (FERNÁNDEZ, 2004, p. 222).

A crônica de viagem pode ser considerada como um subgênero da crônica jornalística e, de acordo com Fernández, pode envolver a crônica de correspondentes fixos no estrangeiro, de enviados especiais e cronistas de guerra, de correspondentes locais ou viajantes. (FERNÁNDEZ, 2004, p. 223).

Os primeiros registros de narrativas de viagem são datados do século VII a. C., quando a escrita começava a nascer na Grécia antiga. Homero pode ser visto como o primeiro a escrever esse tipo de narrativa jornalístico-literária, com publicações como *Guerra de Troia* e *Odisseia*. (HOMERO, 2002 apud MARTÍNEZ, 2004, p. 37).

A literatura de viagem era, então, definida como algo que nasce da visão de um autor que poderia ter apenas um destino final ou vários destinos durante uma viagem. De acordo com Mônica Martinez:

Esse estilo autoral, aliás, é considerado elemento-chave no estudo do Jornalismo literário, vertente jornalística que se dedica ao estudo das narrativas de viagem. (MARTÍNEZ, 2012, p. 37).

Martinez esclarece ainda que nas narrativas de viagem prevalecem dois elementos fundamentais: a observação e a interpretação. No primeiro, há um modo de

observação participante, que proporciona a imersão no contexto da história a ser narrada, ou seja, é o jornalista no local do fato.

No segundo elemento, a interpretação do material coletado é realizada de acordo com “a personalidade do crítico, suas posições ideológicas, segundo a época”. (TODOROV, 1976, p. 210)

O trabalho desenvolvido visa, assim, demonstrar o uso das narrativas de viagem como recurso para o jornalismo através da realização de viagem que tem como tema central os assentamentos humanos. É a partir do compromisso com o social e com a ética que narrativas com teor diferenciado podem ser construídas. Como narrativas são baseadas em tempo, espaço e pessoa, conclui-se que viagem é também narrativa, já que é composta pelos mesmos três elementos.

Duas viagens foram realizadas até a Área de Proteção Ambiental Baía Negra, localizada em Ladário (MS) e escolhida como local para demonstração do uso das narrativas de viagem. O tema *assentamentos humanos* foi escolhido tomando-se por base a observação, o respeito aos direitos humanos, de acordo com o que prevê a Declaração Universal do Rio de Janeiro, estabelecida na Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, entre 13 e 14 de junho de 1992:

Os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza. (ONU, 1992).

O estudo e a demonstração do uso das narrativas jornalísticas de viagem são a base para construir a visibilidade da situação dos ribeirinhos e ribeirinhas residentes na APA Baía Negra, levando-se em conta os direitos humanos fundamentais. Verificou-se que a comunidade em questão encontra-se negligenciada pelo poder público, o que configura violação de direitos humanos, principalmente na área da educação. Aproximadamente 26 adultos com mais de 40 anos, pescadores e que vivem na pobreza são analfabetos ou analfabetos funcionais e não frequentam a escola porque o projeto de alfabetização não foi renovado pela nova gestão da prefeitura de Ladário. Falta de atenção à saúde dos moradores, principalmente idosos, ausência de

transporte, moradias precárias, falta de lazer e poucas condições de trabalho também foram constatados neste trabalho.

A visibilidade dessa comunidade construiu-se através da investigação dos problemas sociais urgentes, verificados durante a viagem realizada entre os dias 3 e 12 de outubro de 2017. A realização de pesquisa jornalística também compõe o *Documento de Pesquisa*¹ e serviu como base para a construção das narrativas complexas que evidenciam os dramas humanos dos moradores da APA Baía Negra. As histórias são contadas em uma grande-reportagem multimídia disponibilizada no endereço eletrônico www.projetil.ufms.br/nomeiodarodovia. A escolha dessa plataforma deu levando-se em conta a imersão proporcionada no conteúdo desenvolvido, experiência nova citada por Lenzi (2015), e que utiliza recursos hipermídia que permitem o aprofundamento no tema de forma diferente ao que acontece no caso do impresso, onde os detalhes são descritos em palavras e/ou imagens. O conteúdo desenvolvido envolveu textos, fotos, vídeo e áudios.

Todo o material recolhido foi fruto da imersão da acadêmica e do professor orientador durante dez dias na comunidade abordada. A grande-reportagem multimídia desenvolvida é resultado de uma apuração bem delineada, com checagem de fontes documentais e pessoais, além da elaboração de roteiros de viagem e de entrevistas, que foram fundamentais no trabalho de campo. Sobre a importância da observação direta, Bahia (1990), ao comentar sobre a apuração e suas modalidades, enfatiza que:

Nenhum desses tipos de apuração é mais importante que o da observação pessoal, direta, que envolve física e mentalmente o repórter com os fatos no momento e no local em que ocorrem. É o modo mais eficiente de cobrir um assunto porque identifica o repórter com a ação, seus efeitos, seus participantes e as reações que possam gerar de imediato. (Bahia, 1990, p. 41).

¹ O Documento de Pesquisa é o instrumento organizado a partir da pesquisa junto a fontes documentais, pessoais e observação direta. Enquanto plataforma informativa completa serve como base de decolagem para os variados produtos como livro-reportagem, vídeo-documentários, entre outros gêneros jornalísticos densos e complexos.

1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Levantamento bibliográfico/fontes documentais, contatos com fontes pessoais e viagem de prospecção junto à comunidade de moradores da APA Baía Negra. Entrevistas com fontes oficiais. Viagem de estudos a São Paulo. Preparação para a viagem de imersão com a viabilização de transporte, hospedagem, alimentação. Elaboração da apuração da reportagem e dos roteiros para entrevistas, roteiros da cobertura fotojornalística e audiovisual e roteiros de viagem. Elaboração de relatório parcial de qualificação, exame de qualificação; tratamento das entrevistas e do material coletado na imersão; elaboração do desenho da reportagem; desenvolvimento dos textos e edição de textos e fotos que compõem a grande-reportagem multimídia, intitulada “Eles vivem no meio da rodovia”.

1.1 Execução:

A elaboração do projeto experimental se deu a partir do mês de julho de 2017, quando surge a ideia em se trabalhar com a comunidade que vive na Área de Proteção Ambiental Baía Negra, antiga estrada da Codrasa, em Ladário (MS). A proposta de trabalho foi apresentada ao orientador e debatida em reuniões de orientação para definir o objeto a ser estudado. O principal ponto de partida para os estudos foi a prospecção feita junto aos moradores da APA, em Ladário, 430 Km de Campo Grande. O percurso foi considerado para a configuração do contexto da viagem, uma vez que implica em espaço, tempo e relação com pessoas. A visita inicial permitiu exercícios de interpretação, remetendo à constituição do objeto, os estudos sobre narrativas de viagem como recurso para o jornalismo. Inicialmente, trabalhou-se com o termo “jornalismo de viagem” como sendo o objeto. Após leituras bibliográficas e pesquisas sobre o assunto em sites da internet, observou-se que o termo está associado ao jornalismo que fala mais sobre turismo e o lado bonito das viagens. Em oposição a esse modelo, as narrativas jornalísticas de viagem estudadas servem para demonstrar que, a viagem, ao se associar com o olhar jornalístico e o compromisso social-ético do profissional, possibilita o desenvolvimento de narrativas diferenciadas, que busquem perceber mais a fundo os cenários de uma viagem.

Assim, após as interpretações feitas sobre as narrativas jornalísticas de viagem, ficou definido que esse seria o objeto central de estudo deste trabalho. Para demonstrar que o uso dessas narrativas de viagem contribui com o jornalismo, a intenção foi a de desenvolver uma grande-reportagem multimídia. Como a proposta em se trabalhar com a APA Baía Negra estava confirmada, analisou-se de que forma ela seria abordada neste projeto. O orientador sugeriu, assim, que o tema da grande-reportagem multimídia tratasse sobre *assentamentos humanos*, considerando como tais quaisquer comunidades/pessoas que ocupam determinados locais. A APA Baía Negra passou, então, a ser o espaço humano configurado e escolhido para exemplificar o desenvolvimento da pesquisa. Outras sugestões eram os trabalhadores rurais da Serra da Bodoquena; ocupantes que vivem nas margens da BR-262, que liga Campo Grande a Corumbá ou alguma comunidade indígena que ainda não tinha sido pensada. Optou-se pela APA Baía Negra, levando-se em conta o tempo disponível para desenvolver e finalizar o projeto experimental. A internet foi o local escolhido para a disponibilização do material, composto por diversas mídias, tais como áudios, vídeos, textos e fotos.

Após todos os ajustes e reuniões para definir o projeto experimental, realizou-se o levantamento bibliográfico sobre o objeto e os temas presentes no trabalho (narrativas jornalísticas, viagem, assentamentos humanos, grande-reportagem multimídia, APA Baía Negra). O próximo passo foi e de realizar uma viagem de prospecção até a comunidade escolhida para verificar se seria possível desenvolver o projeto.

Dessa forma, entrou-se em contato com as fontes oficiais e com a comunidade para agendamento de conversas e entrevistas. Todos os contatos prévios foram feitos e uma viagem de prospecção realizada no mês de agosto para verificar a situação dos moradores. Para a realização dessa viagem, foi desenvolvido o desenho da pesquisa. As datas para que ela ocorresse, devidamente planejadas, levando-se em consideração a disponibilidade da líder da comunidade, Júlia Gonzales, responsável por nos receber, e do professor orientador e da acadêmica. Toda a elaboração começou no dia 21 de julho de 2017. O roteiro da viagem foi cuidadosamente elaborado, calculando-se as distâncias entre Campo Grande-Corumbá-Ladário na ida e na volta, tempo estimado de viagem, roteiro de programação das atividades que seriam

feitas no local e escolha dos equipamentos tais como: câmera fotográfica, tripé, gravador de áudio, microfone de lapela e lentes.

A viagem aconteceu entre os dias 04 e 08 de agosto de 2017 e contou com apoio da universidade, que disponibilizou veículo e combustível, além de hospedagem no alojamento do Campus do Pantanal. A data da viagem coincidiu com o IV Colóquio Internacional de Pesquisa Brasil-Bolívia e, na oportunidade, o pré-projeto deste trabalho foi apresentado em *power point* no evento. Devido a isso, outra acadêmica que faz parte do Grupo de Investigação em Oralidades Transversais (GRIOT-UFMS), coordenado pelo professor doutor Edson Silva, também apresentou trabalho sobre seu projeto e acompanhou a viagem de prospecção até a APA Baía Negra.

A participação no colóquio aconteceu nos dias 04 e 05 de agosto. No dia 06, a viagem seguiu para a prospecção na APA Baía Negra, que fica localizada na BR-359, em Ladário, conhecida como Transpantaneira. Pela manhã, realizou-se conversa com a presidente da Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Codrasa, Júlia Gonzales, para verificar quais as condições em que vivem as famílias e dados referentes a elas. Foram abordados os temas relacionados aos direitos humanos fundamentais: saúde, educação, moradia, saneamento básico, trabalho, lazer, segurança, gestão do local e outros.

A conversa durou cerca de duas horas e foi feita na casa de uma das moradoras, dona Zilda dos Santos Nascimento. Perto das 10h da manhã, o marido de dona Zilda, seu Gaudino do Nascimento, acompanhado pelo filho de cinco anos, Gaudino Diego e de dona Júlia, levou a equipe de barco até a Baía do Arrozal e Baía Negra, que dá nome ao local, para um breve reconhecimento do cenário em que vive as personagens que integram a grande-reportagem. No percurso, foram feitos vídeos, fotos, observações verbais e anotações. A partir daí, constatou-se o contraste que existe ali. De um lado, a beleza natural deslumbrante, composta pelos morros do Urucum e do Rabicho, o imenso espelho d'água formado pela Baía do Arrozal, a densa vegetação, aves como garças brancas, biguás, maguaris, jaburus, entre outras se encarregam da sinfonia que embala o deslizar do barco. Compõe ainda a cena, os "blocos" de camalotes em flor, lembrando os jardins de Monet, com suas lendárias ninfeias.

Do outro lado, confirmando o contraste, a miséria e a pobreza construídas em que vivem as famílias ribeirinhas locais. Casebres improvisados em condições precárias, sem banheiro, ausência de água encanada, problemas de alagamento quando chove e com espaços reduzidos onde chegam a morar em dois cômodos, até nove pessoas. O destaque foi uma das casas construída com placas de zinco. Devido ao superaquecimento do material, causado pelo intenso calor das temperaturas que chegam próximas aos 43 graus, é impossível e desumano permanecer no interior da residência, uma vez que a sensação térmica ali ultrapassa os 50 graus Celsius.

Idosos, crianças, mulheres e adolescentes são o reflexo da falta de atenção do poder público. Aproximadamente 26 adultos com mais de 40 anos são analfabetos e tiveram seu direito à educação violado, já que a escola de alfabetização que funcionou em 2016 no local, foi fechada com a nova gestão da prefeitura. Há pessoas com mais de 60 anos abatidas e com sérios problemas de saúde, dentre eles, pressão alta, catarata e hérnia. Como não sabem ler, também não conseguem entender o que está escrito nas receitas médicas. A orientação dos horários em que os medicamentos devem ser tomados é dada pela agente de saúde Maria de Lourdes Arruda, também moradora da APA Baía Negra.

O lazer se resume apenas a algumas festas de aniversários ou comemorações a santos, como a realizada pela moradora Marizete Soares, em 20 de janeiro para celebrar o dia de São Sebastião. A sobrevivência vem da pesca e de pequenas produções agrícolas. A principal dificuldade encontrada para a obtenção de renda, é a falta de transporte que possa levá-los para as feiras da cidade. Poucos moradores possuem automóvel e as alternativas encontradas para se deslocarem até Ladário, que fica a seis quilômetros dali se resumem em pegar caronas, ir de bicicleta, a pé ou gastar – se tiverem dinheiro – mais de 50 reais com táxi. Há relatos presentes na reportagem em que a moradora Zilda dos Santos Nascimento conta que a ambulância do município não buscou sua filha de sete anos, e foi preciso gastar 60 reais com táxi até o hospital.

Moradores e moradoras que poderiam ser os guardiões da exuberante natureza, conhecida milimetricamente por eles. Querem ser vistos, ouvidos e esperam que as coisas melhorem, mesmo com toda dificuldade. Alguns perderam as esperanças

e, com a saúde debilitada, resolveram ir embora, como é o caso de dona Artulina Soares (87) e Pedro Fernandes (74). O casal de idosos queixava-se da solidão em que viviam, e se mudaram dali porque a pouca assistência médica local e a dificuldade no deslocamento até a cidade impossibilitavam os cuidados necessários para uma vida mais saudável.

A prospecção durou cerca de duas horas e logo a equipe voltou para a casa de dona Zilda, onde almoçou um saboroso prato de macarrão com massa feita por ela mesma, cortada à mão. Antes de partir, visitou-se a sede da associação dos moradores para conhecer como é o local que deveria ser destinado ao lazer e outras atividades da comunidade, mas que fica permanentemente fechado à espera de projetos e verba para funcionar.

Após a visita na comunidade, ainda no mesmo dia, todo o material coletado foi copiado para o computador para evitar possíveis problemas com mal funcionamento de equipamento ou outros que pudessem causar a perda dos arquivos.

Na segunda-feira, dia 7 de agosto de 2017, entrevistou-se o funcionário do Geoparque Bodoquena-Pantanal, Anderson Palmeira. A instituição, até então, presidia o Conselho Gestor da APA Baía Negra. O objetivo da entrevista foi o de esclarecer como o Geoparque atua naquela área e no restante do estado, e qual a real situação das famílias que se encontram na APA Baía Negra.

Com o término da viagem no dia 08 de agosto de 2017, a etapa seguinte consistiu em tratar todo o material coletado. Foram realizadas transcrições de entrevistas, organização de fotos e vídeos e elaboração de relatório de viagem.

A partir das fontes documentais, pessoais e após a prospecção, elaborou-se o pré-projeto que foi apresentado à comissão dos Projetos Experimentais no dia 11 de setembro de 2017.

Entre os dias 15 e 19 de setembro, foi realizada viagem a São Paulo. O objetivo consistiu em contatar pesquisadores que atuam no âmbito do Geoparque Bodoquena-Pantanal e adquirir obras bibliográficas que abordassem o objeto deste trabalho (narrativas jornalísticas de viagem).

Com os contatos realizados, agendou-se entrevista com o geólogo e professor da Universidade de São Paulo, Paulo César Boggiani, que atua na área do

Geoparque. A ideia foi de conhecer um pouco mais sobre o assunto, uma vez que a APA Baía Negra localiza-se naquela área composta por 39 mil Km². Para a realização dessa entrevista, foi elaborado previamente um roteiro de perguntas sobre o assunto.

Posteriormente, realizou-se conversa com o Superintendente do Patrimônio da União, Mário Sobral, para entender como está a situação de regularização das famílias que moram na APA Baía Negra, haja vista que as terras locais são de propriedade da União.

Feitas essas conversas e entrevistas, planejou-se a viagem em que seria realizada a imersão da acadêmica no local do fato. Aqui, novamente, realizou-se o planejamento de datas, bem como a elaboração do roteiro das entrevistas, roteiro de fotos, roteiro de viagem e organização de tabelas com as atividades que seriam desenvolvidas no local. A viagem para observação direta aconteceu entre os dias 03 e 12 de outubro de 2017 e foi realizada pela acadêmica com acompanhamento do professor orientador. O evento contribuiu com apresentação de temas e palestras que também envolvem ribeirinhos, como é o caso do trabalho coordenado pelo professor doutor em Geociências e Meio Ambiente e diretor do Campus do Pantanal (CPAN – UFMS), Aguinaldo Silva, e pela professora Beatriz Lima de Paula Silva, intitulado “A influência da cheia na comunidade Barra do São Lourenço pantanal sul-mato-grossense”.

No dia 04 pela manhã, realizou-se entrevista com o professor e pesquisador Aguinaldo Silva. Foram abordadas questões que envolvem o Geoparque e, principalmente, sobre a *Corumbella*, fóssil descoberto em Corumbá e que é o primeiro registro de organismo multicelular com exoesqueleto na Terra, que pode ter mais de 500 milhões de anos. Entre os aspectos abordados estavam as perspectivas do turismo científico e considerando que este segmento pode ser explorado na APA Baía Negra, onde há registro do fóssil.

Com o encerramento do seminário, organizou-se para iniciar a imersão na APA Baía Negra. A compra de equipamentos de trabalho, tais como cartões de memória, foi realizada rapidamente na fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro, na Bolívia. Após esse deslocamento, nos dirigimos para a comunidade, no dia 06 de outubro de 2017, onde ficamos hospedados. No mesmo dia, realizou-se conversa com

a líder da comunidade. Duas moradoras foram entrevistadas nesse dia. Maria José Justiano e Marizete da Costa Soares. Ambas foram escolhidas para tal atividade depois de ter se tomado conhecimento da lista de moradores do local, e ter escolhido famílias de acordo com o perfil de cada uma.

Como não foi possível entrevistar as 22 famílias que tem autorização para morar no local, escolheu-se aquelas com histórias mais representativas do drama humano enfrentado pela comunidade. Oito famílias seriam inicialmente entrevistadas. Devido aos trabalhos intensos, com muitos deslocamentos que precisavam ser feitos entre as casas e devido ao calor extremo, característico da região, acabou-se por entrevistar sete famílias no local. Todas as entrevistas foram realizadas com roteiro que seguia os temas: saúde, educação, moradia, trabalho, lazer, saneamento e com histórias sobre a origem e vida de cada entrevistado. Outras questões surgiram conforme cada um relatava sua experiência de vida. As atividades iniciavam-se todos os dias às sete da manhã e findavam perto das 18h, quando já não era mais possível permanecer fora de casa, devido à presença de mosquitos em quantidades exorbitantes. Entre o almoço e o início da tarde, realizava-se sempre um breve descanso para dar continuidade nas atividades. Na parte da noite, entre às 20h e 23h, todo o material coletado durante o dia era baixado em dois notebooks e feitos os primeiros tratamentos como organização em pastas, devidamente identificadas. Eram feitas, também, a formatação dos cartões de memória para que fossem utilizados no próximo dia. Paralelamente as baterias de câmeras, gravador e celulares eram recarregadas. Assim, era feita a organização do equipamento para não atrasar ou comprometer o dia seguinte.

No dia 07 de outubro de 2017, foram feitas fotos e filmagens de dona Júlia pescando, para conhecer um pouco sobre a rotina ali. Ainda nesse dia, foi necessário o deslocamento até Puerto Quijarro para a compra de bateria da câmera Nikon, disponibilizada pelo curso, que apresentava problemas no carregamento e comprometeu parte das atividades, já que não completava carga e ficou com a durabilidade da bateria prejudicada. Ao voltar da fronteira entre Brasil e Bolívia, entrevistou-se o casal Pedro Fernandes e Artulina Soares, dois idosos com problemas de saúde e que se sentiam sozinhos onde moravam. A entrevista durou cerca de uma

hora e então, seguiu-se para a cidade de Ladário, há seis quilômetros dali, para entrevistar em vídeo a líder da comunidade, dona Júlia Gonzales. O local da entrevista foi escolhido por ela: a casa de uma filha.

No dia 08 de outubro, acompanhou-se a extração da raiz do jaracatiá, árvore nativa na região e que serve de sustento para a família de dona Zilda do Nascimento. Ela, o marido, dona Júlia e um amigo que não mora no local, deslocaram-se até o morro do Rabicho de barco, onde é feita a extração. Acompanhamos todo o trajeto, registrando em fotos e vídeo o cenário por onde o barco se deslocava.. Ao voltarmos para a estrada da Codrasa, onde estão localizadas as casas dos moradores, seguimos para a casa de dona Marizete. No caminho, encontramos a família de dona Artulina e seu Pedro, que foi visitar o casal de idosos. Na casa de Marizete, fotografou-se a família da mulher que é mãe de 16 filhos e devota de São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida. Voltamos para a casa de dona Zilda para o almoço. A parte da tarde foi destinada ao descanso, já que o período da manhã exigiu grande esforço físico.

Na segunda-feira, 09 de outubro de 2017, realizou-se entrevista com dona Zilda. A mulher falou sobre o processo de produção do doce do jaracatiá e, depois, sobre o cotidiano, de acordo com o roteiro pré-estabelecido. Durante a entrevista com Zilda, apareceu a agente de saúde que mora e trabalha no local, Maria de Lourdes Arruda. Ainda na parte da manhã, registramos o trabalho da profissional de casa em casa. Também realizou-se entrevista em vídeo para ter conhecimento sobre a saúde dos moradores que vivem ali. Entre o deslocamento da casa de Zilda e de Maria de Lourdes, registramos o inesperado momento em que o caminhão de mudança estava preparado para levar os pertences do casal Pedro e Artulina, que decidiram ir embora porque ali não há condições de cuidar da saúde, que está debilitada. Outro idoso com problemas de saúde entrevistado nesse dia foi seu Carlos de Souza Brandão, que tem 65 anos e sofre com baixa visão e hérnia. O homem mora em uma quente casa de zinco em condições desumanas, já que é impossível permanecer no interior da casa devido ao superaquecimento do zinco, inapropriado para moradias em regiões quentes como Ladário.

Dia 10 de outubro aconteceu entrevista com enfermeiro durante o atendimento médico que é feito na sede da Associação dos Moradores do local. Como

havia agendamento de entrevista com o prefeito da cidade de Ladário próximo ao horário em que o médico atendeu, não foi possível conversar com o profissional. Seguiu-se para a prefeitura do município para entrevista com o gestor público. A iniciativa em contatar o prefeito Carlos Aníbal Ruso se deu após a verificação de que todos os moradores entrevistados se queixaram que não sabem ler e escrever e que a escola de alfabetização que existia no local, foi fechada após a posse do novo prefeito. Findada a entrevista com o gestor, o próximo passo foi entrar em contato com a Secretaria Municipal de Educação, Sara Regina de Almeida, para esclarecer o fechamento da escola e verificar quando voltaria a funcionar. O contato foi feito por telefone e a entrevista agendada para o dia posterior, feriado que comemora o aniversário de divisão de Mato Grosso do Sul.

Nesse mesmo dia, realizou-se ainda filmagens com a líder da comunidade falando sobre a vida no local. As imagens foram feitas em cima da laje de uma das casas, que dá bem de frente para a Baía Negra.

No dia 11 de outubro de 2017, aconteceu a entrevista com a Secretaria de Municipal de Educação, que nos atendeu na parte da manhã e esteve acompanhada do chefe do setor pedagógico, Daniel Mendes da Silva Pedro.

A parte da tarde foi destinada para fotografar as casas dos moradores locais. Na oportunidade, foi possível ainda falar rapidamente com outras pessoas que não fizeram parte dos roteiros de entrevistas, mas que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

A imersão encerrou-se no dia 11 e, no dia 12, seguiu-se viagem de volta para Campo Grande. Com o término da observação direta, o próximo passo foi o de processar todo o material e compor o desenho da grande-reportagem multimídia, bem como definir o cronograma de entrega dos textos ao professor orientador.

Inicialmente, o desenho da grande-reportagem previa as abas sobre a vida dos ribeirinhos da APA Baía Negra. Abordaria os temas educação, moradia e um artigo sobre as posições político-administrativas do prefeito Carlos Ruso em relação à população da APA, como sendo abas principais da grande reportagem multimídia, além de uma aba que falasse sobre o desenvolvimento do projeto experimental. Perfis dos moradores Júlia, Zilda, Marizete, Maria José, Pedro e Artulina seguiriam como sub abas

para contar um pouco da história de cada um. Porém, em reuniões de orientação com o professor, observou-se que seria melhor desenvolver o produto de outra maneira. Assim, o desenho da reportagem foi modificado e passou a conter oito abas incluindo a introdução e outras que abarcam o tratamento do tema na perspectiva dos direitos humanos fundamentais.

A aba 1, intitulada *Início*, refere-se à introdução do tema da grande-reportagem multimídia. São abordados a história do local, como vivem os moradores da comunidade e o cenário natural em que está inserida.

A aba 2, *Entre o céu e o inferno*, trata sobre a saúde da população que não possui atenção suficiente da gestão municipal, e enfrenta diversos problemas, principalmente no que diz respeito aos idosos. O saneamento básico também é abordado nesta, uma vez que, muitos moradores não possuem água tratada e encanada nem banheiro.

Na aba 3, *Via aquática*, retratou-se o trabalho, descrevendo as formas de sobrevivência dos ribeirinhos e ribeirinhas, que apesar de viverem em meio à pobreza e à falta de políticas públicas, tiram da abundância da natureza o sustento de suas famílias. Extração da raiz do jaracatiá, pesca e artesanato são as principais atividades desenvolvidas no local.

Na aba 4, *Trânsito interrompido*, a questão do analfabetismo dos adultos que moram na APA Baía Negra. Não há escola e nem professor, direito garantido pela Constituição Federal, mas negado pela Prefeitura de Ladário.

A aba 5, *“É quente, quente”*, é destinada à arquitetura das casas, com fotos que mostram as pequenas construções que se destacam no local, e fala um pouco sobre os ambientes em que vivem as famílias. A esperança na moradia digna é outro fator abordado aqui. São pessoas ligadas ao rio, à natureza e desejam permanecer no lugar em que escolheram. O medo em serem retiradas dali pela União paira em todas as famílias.

Na aba 6, *Tchernóbil Pantaneira*, foi desenvolvido um artigo opinativo a partir da conversa com o prefeito Carlos Ruso, que não só violou os direitos humanos em comentários durante suas falas, mas também acredita que a solução para sanar os problemas da comunidade é jogar uma bomba no local. Em tom sarcástico, Ruso fez

comparação com o caso de Tchernóbil, considerado o pior acidente nuclear da história da humanidade e que causou isolamento da população que sobreviveu à radioatividade.

A aba 7, *No lugar do outro*, fala sobre o projeto experimental desenvolvido e um pouco da trajetória da acadêmica pelo curso de Jornalismo.

Por fim, na aba 8, *Créditos*, encontram-se a ficha técnica e os agradecimentos.

Os textos foram construídos de acordo com cada tema escolhido, tomando-se por base as falas dos moradores. As fotos foram selecionadas, tratadas e a edição do material feita em software da Adobe, chamado Muse CC.

Os equipamentos fotográficos utilizados foram câmera Nikon D 7000, câmera Cannon T5, smartphones Motorola G3 e Samsung Grand Duo. O registro de áudio foi realizado com Zoom H1 e microfone de lapela. Notebooks Acer e Samsung também estavam entre os equipamentos.

Todo o processo de pesquisa, orientações, transcrições de entrevistas e outros documentos compõe o Documento de Pesquisa, que deu a base para o desenvolvimento da grande-reportagem multimídia. A tabela abaixo mostra o resumo das estatísticas do projeto experimental, que estão inclusas no documento de pesquisa.

Descrição	Quantidade
Período de realização do projeto	Julho a agosto de 2017
Fontes entrevistadas	15
Fontes citadas na grande-reportagem	9
Horas de entrevista	14
Viagens realizadas	3
Distância percorrida	3.996 Km
Dias de prospecção e imersão	13
Sessões de orientação	20 (80 horas)
Fotos	2.781
Vídeos	152
Referências	22

Tabela 1: Estatísticas da Investigação.

1.2 Dificuldades Encontradas

O local onde o trabalho foi desenvolvido fica a cerca de 430 quilômetros de Campo Grande. O percurso é feito em, aproximadamente, seis horas de viagem pela rodovia BR – 262, que liga a capital sul-mato-grossense a Corumbá e Ladário. No portal de entrada entre as duas cidades, é preciso entrar à direita no sentido Ladário, na BR – 359. Permanece-se nessa rodovia até chegar no entroncamento que dá acesso ao Assentamento 72 e à APA Baía Negra. Parte desse trajeto é feito por estrada de chão com extensão de mais de seis quilômetros.

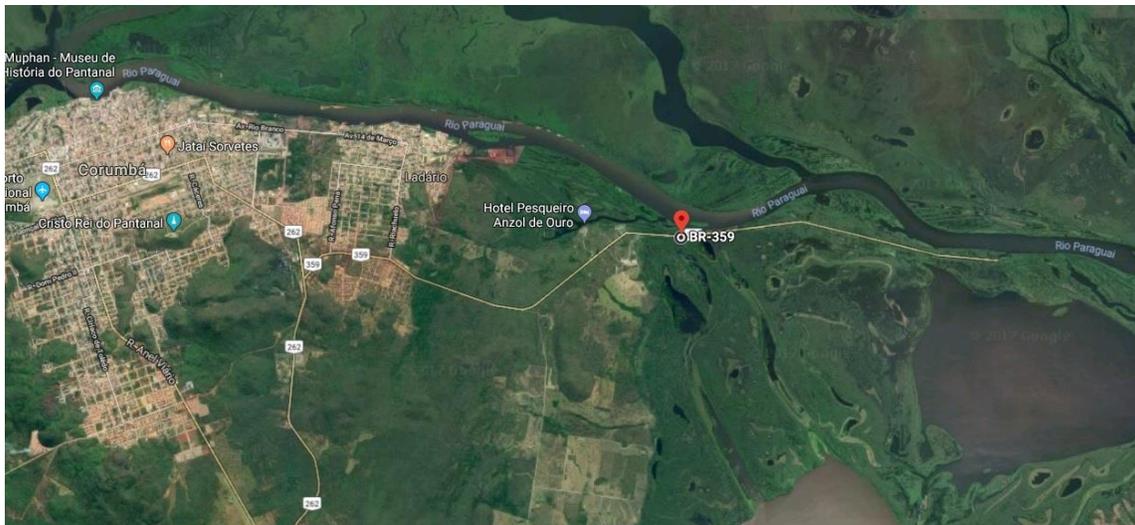


Imagem 1: Mapa de localização da APA Baía Negra. (Fonte: Google Maps).

A imersão foi realizada em dez dias consecutivos com trabalhos que se iniciavam às seis da manhã e iam até às 22 horas. A maior dificuldade encontrada é em relação aos equipamentos utilizados para a realização do projeto. A bateria da câmera Nikon D7000 do curso de Jornalismo apresentou baixo desempenho e aguentava carga somente meio período de trabalho, ou seja, começando às seis da manhã, quando eram meio dia já não havia mais bateria e o fato comprometeu entrevistas na parte da tarde. O carregador demorava mais de 12 horas para completar carga, o que também acarretou em dificuldades nas entrevistas. O uso da câmera ficou restrito algumas vezes e foi evitado de se fazer fotos ou outros vídeos de algumas entrevistas porque era necessário ter carga para a próxima entrevista.

Como o calendário estava apertado e muitas entrevistas estavam na programação, não ter equipamento extra acarretou dificuldades na execução das entrevistas e coberturas fotojornalísticas/audiovisuais. Havia câmera extra mas de cunho pessoal e que não era adequada para realizar todas as entrevistas, comprometendo também o registro do *making of* do trabalho, já que ele estava sendo registrado com essa câmera particular. Como não havia bateria extra da câmera do curso, foi necessário se deslocar até a fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro para encontrar uma bateria extra. O deslocamento não estava previsto e, além de causar desgaste físico tanto na acadêmica quanto no orientador que acompanhava o trabalho, ainda alterou substancialmente a programação, fazendo com que compromisso agendados tivessem que ser remanejados para outro dia e horário. A bateria extra não foi comprada porque não foi encontrada. O trabalho seguiu durante os próximos seis dias em situação especial.

Outro problema encontrado também é sobre a falta de alguns itens e equipamentos necessários para a realização das entrevistas. O cartão de memória utilizado era de cunho pessoal porque o disponibilizado pelo curso não era suficiente. A captação de áudio foi feita com gravador zoom e lapela também de cunho pessoal. A falta desses equipamentos ou ainda possíveis imprevistos com esses poderia ter comprometido todo o trabalho, cuidadosamente produzido.

Por fim, houve dificuldades também em encontrar bibliografias que abordassem os temas *assentamentos humanos* e *jornalismo de viagem*. No primeiro caso, os autores se referiam aos assentamentos humanos como favelas. Não se considerava que assentamentos humanos podem ser qualquer tipo de ocupação humana. Devido a isso, utilizou-se convenções das Nações Unidas e outros organismos para aprofundar no tema, ao invés de livros. No caso do jornalismo de viagem, no Brasil o assunto ainda é pouco discutido e não há muitas publicações que abordem o jornalismo de viagem com olhar voltado para o social. Algumas páginas na internet tratam o tema como um jornalismo de caráter mais turístico e menos social. Por isso, a utilização de bibliografia desse tema foi quase que exclusiva espanhola, principalmente da Universidade Autónoma de Barcelona, que possui pós-graduação em “Periodismo de Viajes”.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo inicial do projeto foi o de estudar e demonstrar o uso das narrativas de viagem como recurso para o jornalismo e, assim, construir a visibilidade da situação dos ribeirinhos e ribeirinhas residentes na APA Baía Negra. Esse objetivo foi cumprido de forma satisfatória, comprovado pela documentação gerada após a viagem realizada para imersão, entre os dias 03 e 12 de outubro de 2017. A investigação dos problemas sociais urgentes, a realização de viagens e de pesquisa jornalística exaustiva foram cumpridos também de forma plena e deram base para construção da grande-reportagem multimídia que vai evidenciar os dramas humanos da comunidade ribeirinha localizada na APA Baía Negra, em Ladário (MS).

2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

2.1 – Assentamentos Humanos

Compreendemos por assentamentos humanos as metrópoles, pequenas cidades do interior, bem como pequenos povoados em todos os continentes, conforme reconhece o item 5 da Declaração de Istambul sobre Assentamentos Humanos (1996), ao ponderar aspectos sobre a importância da qualidade de vida:

Nós reconhecemos a necessidade de intensificar nossos esforços e cooperação para melhorar as condições de vida nas cidades grandes e pequenas e em vilarejos em todo o mundo, principalmente nos países em desenvolvimento, onde a situação é mais grave, e em países com economia em transição². (ONU, 1996).

Para o desenvolvimento sustentável, é necessário que os assentamentos humanos tenham condições para que a comunidade garanta a sua dignidade, ou seja, o respeito à vida e aos direitos humanos fundamentais. A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) estabelece em seu artigo XXV que:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. (ONU, 1948).

Levando-se em consideração os direitos humanos fundamentais, garantidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, podemos observar através da fala da presidente da Associação dos Moradores e Produtores Rurais da Codrasa, Júlia Gonzales, que os moradores dessa comunidade têm seus direitos violados em algumas situações. O saneamento básico é um dos problemas citados pela líder da comunidade

e que serve como exemplo das violações. “As famílias aqui não têm banheiro. Não tem mesmo nada. Tomam banho com a água do rio, que buscam³”. O fato foi confirmado durante a imersão na comunidade pelos moradores entrevistados.

A mesma afirmação é feita pelo ex-funcionário do Geoparque Bodoquena-Pantanal, órgão presidente do Conselho Gestor da APA Baía Negra, Anderson Palmeira, então diretor executivo e assessor do geoparque.

Tem um sério problema que é a questão do esgotamento sanitário. Não tem. Não tem. Não tem. Algumas casas tem fossa séptica, entendeu? Outras não tem, não tem nada, nem fossa, nem banheiro. Ou seja, as pessoas vão no mato. Então, isso é um sério problema. (Documento de Pesquisa).⁴

A promoção de vida saudável, feita principalmente por meio do saneamento básico, com tratamento de detritos e fornecimento de água tratada para consumo são características que garantem o desenvolvimento sustentável e de qualidade nos assentamentos humanos, previsto no item 10 da Declaração de Istambul sobre Assentamentos Humanos (1996).

Quando o conceito de Assentamento Humano é colocado em prática, é de responsabilidade dos chefes de Estado, governo e poder público considerar os seres humanos como a preocupação central para o desenvolvimento sustentável. Sobre isso, o item 7 da Declaração de Istambul sobre Assentamentos Humanos (1996) admite:

Reconhecemos as necessidades especiais das mulheres, crianças e jovens por condições de vida seguras e saudáveis. Deveremos intensificar nossos esforços para erradicar a pobreza e a discriminação, para promover e proteger todos os direitos humanos e liberdades fundamentais para todos e garantir as necessidades básicas, como educação, nutrição e serviços de saúde vitalícios e, principalmente,

³ A entrevista integral pode ser acessada junto à acadêmica e ao orientador do projeto, disposta no Documento de Pesquisa/Fontes pessoais/Anexo 1.

⁴ A entrevista integral pode ser acessada junto à acadêmica e ao orientador do projeto, disposta no Documento de Pesquisa/Fontes pessoais/Anexo 2.

moradia adequada para todos. Com essa finalidade, nós nos comprometemos a melhorar as condições de vida em assentamentos humanos de forma consonante com as necessidades e realidades locais, e reconhecemos a necessidade de abordar as tendências globais, econômicas, sociais e ambientais, para garantir a criação de melhores ambientes de vida para todas as pessoas. Garantiremos também a participação total e igual de todas as mulheres e homens e a efetiva participação dos jovens na vida social, política e econômica. Deveremos promover a total acessibilidade para pessoas portadoras de deficiências, além da igualdade de gênero em políticas, programas e projetos habitacionais e no desenvolvimento de assentamentos humanos sustentáveis. Nós assumimos esses compromissos com referência especial as mais de um bilhão de pessoas vivendo em pobreza absoluta e aos membros de grupos vulneráveis e desfavorecidos identificados na Agenda Habitat. (ONU,1996).

Vale ressaltar aqui que a Área de Proteção Ambiental Baía Negra é uma Unidade de Conservação⁵e está inserida no âmbito do Geoparque Bodoquena-Pantanal⁶. A Unesco define um geoparque como área que seja delimitada por “exposições geológicas, paleontológicas ou geomorfológicas e que seja grande o

⁵As unidades de conservação (UC) são espaços territoriais, incluindo seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, que têm a função de assegurar a representatividade de amostras significativas e ecologicamente viáveis das diferentes populações, habitats e ecossistemas do território nacional e das águas jurisdicionais, preservando o patrimônio biológico existente. As UC asseguram às populações tradicionais o uso sustentável dos recursos naturais de forma racional e ainda propiciam às comunidades do entorno o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis. Estas áreas estão sujeitas a normas e regras especiais. São legalmente criadas pelos governos federal, estaduais e municipais, após a realização de estudos técnicos dos espaços propostos e, quando necessário, consulta à população.(MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Unidades de Conservação. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protetidas/unidades-de-conservacao/o-que-sao>>. Acesso: 10 set. 2017.

⁶ O Geoparque Bodoquena-Pantanal localiza-se na região centro oeste do Brasil, no Estado do Mato Grosso do Sul. Possui uma área de 39 000 km², 400 mil habitantes e inclui os municípios de Anastácio, Aquidauana, Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol, Corumbá, Guia Lopes da Laguna, Jardim, Ladário, Miranda, Nioaque e Porto Murtinho (Figura 1). O Geoparque abrange a serra de Bodoquena até Corumbá, incluindo áreas do Pantanal do Jacadigo-Nabileque, Maciço Urucum (cuja silhueta inspirou o logo do Geopark) e uma parte da Serra de Maracaju. (GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Geopark Bodoquena-Pantanal. Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=67>. Acesso: 10 set. 2017

suficiente para o desenvolvimento sustentável e haja uma população no seu interior”. (BOGGIANI, 2010)

A população que está inserida na delimitação de um geoparque, deve ser beneficiada com a criação deste. Dentre as características do conceito de geoparque para a Unesco, estão a preservação do patrimônio geológico para as futuras gerações e o desenvolvimento sustentável das comunidades envolvidas. Em entrevista concedida no dia 7 de agosto de 2017, o então diretor executivo Anderson Palmeira afirmou que em Mato Grosso do Sul, o geoparque não recebe nenhum tipo de auxílio e que contava com apenas um funcionário.

Porque a gente não tem recurso nenhum que vem do Estado. Nenhum. Zero. Pra nada. Nem combustível, nem diária. Não tem, nunca teve. No passado foram aprovados quatro editais de pesquisadores para começar a desenvolver atividades. (...) Foram quatro pesquisadores através da Fundect, só que eles não liberaram os recursos ainda e não sabem quando vão liberar. Então, eu trabalho praticamente em troca de combustível aqui. (Documento de Pesquisa).⁷

2.2 - Construção social da realidade/situação biográfica

Considerando a situação biográfica da comunidade ribeirinha e levando-se em conta análise das publicações de matérias jornalísticas sobre o local, veiculadas nas imprensas de Corumbá e Ladário foi observado de que forma os veículos de comunicação locais constroem a realidade social levando-se em consideração a definição de situação biográfica dada por Schutz, que considera:

La situación actual del actor tiene su historia; es la sedimentación de todas sus experiencias subjetivas previas, que no son experimentadas por el actor como anónimas, sino como exclusiva y subjetivamente dadas a él y solo a él. (NATANSON apud SCHUTZ, 2006, p. 17).

⁷A entrevista integral pode ser acessada junto à acadêmica e ao orientador do projeto, disposta no Documento de Pesquisa/Fontes pessoais/Anexo 2.

Sobre construção social da realidade e a importância da observação direta, do contato do repórter com o local do fato, imerso na cena, Silva (2013) escreve:

Los géneros periodísticos como la noticia, el reportaje y la entrevista, considerando el concepto cara a cara, o sea, la interfaz personal y directa del periodista con los personajes del hecho, que, como ya vimos, Schutz (1972: 193-194) llama 'relación-nosotros pura', son soportes narrativos que posibilitan la construcción de historias, de realidades emergentes. Esas historias recogidas a través de la observación directa o con el uso de herramientas tecnológicas remotas pueden ser comprendidas también como biografías que, al contrario del sentido común y de la concepción tradicional, no están vinculadas solo al relato de la vida de personalidades expresivas. Se constituyen como narrativas descriptivas de la vida cotidiana fijadas de forma perenne, día tras día, en las páginas de los diarios. Dada la influencia social de los medios comunicacionales de masas, este proceso corrobora la determinación del lugar de las personas en el mundo, o sea, la definición de su estatus. (SILVA, 2013, p. 111).

2.3 - Tipologia da reportagem

A exaustiva pesquisa jornalística com levantamento de fontes; o processo de apuração com interpretação de documentos e entrevistas de profundidade associadas à observação direta do tema a ser coberto e, desta forma, colocar em operação recursos jornalísticos representados no objeto (as narrativas de viagem como recurso jornalístico) são a base para que a grande reportagem multimídia seja desenvolvida. Após concluídas essas duas etapas – pesquisa jornalística e apuração–checagem –, o jornalista se prepara para um novo desafio: a estruturação do texto.

De acordo com Coimbra (1993), há duas faces que caracterizam o texto da reportagem: uma voltada para dentro de si e outra em que os “elementos estão internamente organizados dentro de uma estrutura”. (COIMBRA, 1993, p.7).

Coimbra (1993) utiliza-se apenas do estudo da segunda face para sistematizar o ensino da criação de uma redação jornalística. A estrutura do texto é,

dessa forma, vista como um conjunto com partes que estão ligadas entre si. *Lead*, *sublead* e intertítulo caracterizam essas partes.

Os três elementos citados acima fazem parte da construção de um texto jornalístico. No entanto, existem diferenças que separam o texto da reportagem do texto de uma notícia. Este segundo está voltado mais para a narração de assuntos factuais, imediatos e que possuem relação com o cotidiano. Por outro lado, a reportagem é voltada para o aprofundamento de um tema, com um ângulo preestabelecido e, geralmente, aborda questões mais complexas. Para Medina (1978):

As linhas de tempo e espaço enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato. (MEDINA, 1978, p. 134)

A tipologia da reportagem é definida de acordo com a forma de estruturação que o texto segue, ou seja, cada texto possui sua estrutura e sua linguagem. Na reportagem, ele pode pertencer “a uma de três matrizes de gênero: dissertativo, narrativo e descritivo”. (GUIMARÃES, 1990, p. 15 *apud* COIMBRA, 1993, p. 11).

No texto dissertativo é comum a confusão com características que são da argumentação. Alguns autores observam que há diferença entre os dois e classificam-nos de maneira diferente. Enquanto a dissertação é vista como aquela que esclarece ideias, através de interpretações e explicações, a argumentação objetiva “convencer, persuadir ou influenciar o leitor”. (COIMBRA, 1993).

Se por um lado o gênero dissertativo busca o esclarecimento de ideias com fundamentação e afirmações, a narrativa objetiva mostrar mudanças de estados em pessoas e cenas. De acordo com Guimarães (1990, p. 67 *apud* COIMBRA, 1993, p. 15), pode-se representar a narração considerando três etapas de desenvolvimento: o

estado inicial da pessoa (equilíbrio); a ação (desequilíbrio) e, por fim, o estado final (equilíbrio). Em outras palavras, narrar é contar uma ação com começo, meio e fim.

Na narrativa jornalística, é preciso levar em conta outros elementos que compõem o gênero. Pessoa, espaço, tempo e personagem, que, podem ser subdivididos em narrador testemunha, narrador protagonista e narrador onisciente - “pessoa”. Tempo físico, tempo psicológico, tempo cronológico e tempo linguístico - “tempo”. Espaço físico, espaço social, espaço psicológico - “espaço”. E no caso dos personagens, a subdivisão é feita da seguinte forma: personagem plana, personagem redonda, personagem anáfora e figurante.

Por fim, a descrição é o gênero que pode se relacionar com os outros dois, fazendo parte tanto do texto dissertativo quanto do descritivo. No entanto, de acordo com Guimarães (1990p. 73 apud COIMBRA p. 19), mesmo que haja a relação do descritivo com os outros dois gêneros, o fato não faz com que esse gênero não possa ter sua própria estrutura, sem estar inserido em outra, de forma organizada.

2.4 – Viagem

Viajar faz parte da vida de qualquer ser humano, que desloca-se pelos mais diversos motivos. E não são somente o *homo sapiens* é o único a deixar o lugar em que vive em busca de outras condições de vidas, para sobrevivência ou ainda, para a própria satisfação pessoal/intelectual. Existem espécies no reino animal que viajam por que o ato faz parte de seus genes, como é o caso das formigas, sem que isso seja uma escolha consciente.⁸

Por outro lado, há espécies que, durante a vida, aprendem o ato de viajar e o fazem de forma voluntária, como é o caso dos elefantes, golfinhos e dos primatas⁹. Como resultado das viagens feitas pelos seres humanos, histórias são relatadas para contar tudo aquilo que é presenciado e acontece durante o percurso. Na história da humanidade, essas narrativas surgiram a partir do desenvolvimento da escrita, na

⁸Enel reino animal, aunque a menudo es difícil marcar donde se encuentra la frontera, hay conductas innatas – codificadas em los genes – y conductas aprendidas – no codificadas em los genes, sino adquiridas mediante el intercambio de información com el médio y otros individuos. (RULL; SERRALONGA, 2008, p. 12)

⁹ Sobre os primatas, SERRALONGA (2008) não tem dúvida que herdamos a característica dos nossos ancestrais, que viajavam de forma voluntária. (SERRALONGA, 2008, p. 12)

Grécia antiga. Teria sido Homero o primeiro a narrar suas viagens e transmiti-las às outras pessoas¹⁰. (HOMERO, 2002 apud MARTÍNEZ, 2012).

As narrativas de viagem evoluíram conforme a imprensa se desenvolvia. Martínez (2012), explica que até o Renascimento, os relatos eram escritos em diários ou cartas de viagem¹¹. Essas narrativas, geralmente, só eram lidas por uma parcela única da população, letrada e com boas condições de vida. Somente após a criação da imprensa por Johannes Gutenberg o "quadro muda, barateando os custos e, assim, ampliando a aquisição de exemplares pela emergente burguesia". (MARTÍNEZ, 2012, p. 40).

A literatura de viagem era, então, definida como algo que nasce da visão de um autor que poderia ter apenas um destino final ou vários destinos durante uma viagem. De acordo com Mônica Martinez:

Esse estilo autoral, aliás, é considerado elemento-chave no estudo do Jornalismo literário, vertente jornalística que se dedica ao estudo das narrativas de viagem. (MARTÍNEZ, 2012, p. 37).

Martinez esclarece ainda que nas narrativas de viagem prevalecem dois elementos fundamentais: a observação e a interpretação. No primeiro, há um modo de *observação participante*, que proporciona a imersão no contexto da história a ser narrada, ou seja, é o jornalista no local do fato.

No segundo elemento, a interpretação do material coletado é realizada de acordo com "a personalidade do crítico, suas posições ideológicas, segundo a época" (TODOROV, 1976, p. 210 apud MARTÍNEZ, 2012, p. 38).

A narrativa de viagem pode ainda ser classificada de acordo com a sua natureza:

Os relatos ficcionais, os não ficcionais (escritos a partir de fatos reais, embora os autores possam usar recursos literários para

¹⁰ O poeta grego teria vivido em VII a. C., justamente no momento em que a escrita nasce na Grécia antiga. Se em *Iliada* Homero relata a Guerra de Troia, o primeiro relato de conflito, em *Odisséia*, narra a saga do rei Ulisses para regressar ao seu lar, *Ítaca* (HOMERO, 2002 apud MARTÍNEZ, 2012)

¹¹ Um exemplo é a Carta de Pero Vaz de Caminha, que fez registros sobre o que encontrou no Brasil, antes mesmo do país receber esse nome.

tornar a leitura mais envolvente) e mistos, produtos de ficção inspirados em fatos reais. (MARTÍNEZ, 2012, p. 40).

Lima (2009), classifica a viagem como aquela que possui um fio condutor e é realizada em determinado local geográfico, levando-se em conta os aspectos humanos, sociológicos, onde a realidade do local será retratada pelo jornalista. O autor ressalta a importância de diferenciar as narrativas jornalísticas de viagem dos relatos que possuem caráter turístico ou que estejam ligados ao romantismo. Sobre as narrativas de viagem, Lima (2009) explica que:

Toda narrativa de viagem tem um propósito, um foco. Não basta apenas contar uma viagem. Como em qualquer história de jornalismo literário¹², há um tema subjacente que deve ser explorado, uma questão chave a ser compreendida. O autor é o protagonista. (LIMA, 2009, p. 433).

2.5 - Narrativa multimídia/longform

Com o avanço da internet, os veículos de comunicação tradicionais, tais como o impresso, começaram a utilizar-se cada vez mais do espaço para a veiculação das informações. A linguagem presente no texto impresso perdura nas narrativas multimídia, mas evolui no sentido de se adaptar às novas tecnologias. Não só o texto, mas áudios, vídeos, fotos, mapas interativos e o uso de hiperlinks surgem como complemento ao que antes se delimitava apenas ao texto impresso. Dessa forma, e levando como base grandes-reportagens publicadas pelo UolTab, o pesquisador Alexandre Lenzi (2015) escreve que a tendência deste veículo

(...) é a passagem da justaposição, onde peças de diferentes mídias são diagramadas em conjunto, sem necessariamente estarem realmente integradas, para uma nova experiência de imersão proporcionada por peças que se complementam e formam uma nova unidade multimídia. (LENZI, 2015)

¹² O jornalismo literário de viagem apresenta um grau de aproximação ao ensaio pessoal e aos textos de memórias porque é, em essência, também um texto biográfico. (LIMA, 2009, p. 433)

A grande-reportagem multimídia pode ser entendida como sendo um formato hipermidiático noticioso que advém do *longform*. Em sua definição, o termo pode ser descrito como conteúdo jornalístico caracterizado por temas com profundidade e texto de caráter longo. Fischer (2013), define duas características para o “grande formato”:

1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo. (FISCHER, 2013, online apud Longhi, 2015).

Para Canavilhas (2014), é preciso atentar-se ao tamanho do texto nesse tipo de narrativa, já que a grande quantidade de informação pode levar o leitor ao cansaço e ao desinteresse pelo conteúdo que está sendo disponibilizado. O autor estuda as características que fazem diferença na construção de conteúdos jornalísticos para web.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu concluir e interpretar que a viagem é a metáfora da narrativa, porque é dotada também de elementos como tempo, espaço e pessoa. Diferente do que é considerado jornalismo de viagem no Brasil, que está mais associado ao turismo, o trabalho buscou mostrar que o olhar jornalístico com compromisso ético-social na viagem é imprescindível para a construção de narrativas diferenciadas. Fica claro a importância do repórter no local do fato, imerso no cenário do acontecimento ou do objeto em estudo, contribuindo assim para a prática da alteridade.

Considerando que o conteúdo desenvolvido no Projeto Experimental teve um pé no Grupo de Investigação em Oralidades Transversais – Jornalismo, Direitos Humanos e Narrativas(GRIOT) e obedeceu aos curtos prazos estabelecidos e que há material suficiente para a ampliação do trabalho, a expectativa é de que o estudo em questão, que tem como tripé as narrativas jornalísticas de viagem, a grande-reportagem multimídia e os assentamentos humanos, possa ter continuidade, estabelecendo-se como suporte para tal o grupo de pesquisa (GRIOT-UFMS) e vislumbrando o trânsito pelo mundo da pós-graduação.

Com este projeto, resguardados os ajustes finais da banca avaliadora, conclui-se que o trabalho cumpre com o ético-social ao tratar sobre a violação dos direitos humanos fundamentais na comunidade abordada.

Embora a instituição tenha disponibilizado equipamento fotográfico, transporte, combustível e hospedagem, esta última somente durante a prospecção, entendo que há a necessidade em se investir mais na preparação dos estudantes do curso de Jornalismo, preparando-os melhor para as novas tecnologias e adquirindo mais equipamentos que permitam os trabalhos fora do âmbito da universidade. É de extrema importância ainda que os acadêmicos do curso sejam mais estimulados à prática do jornalismo em si, aquele que fundamenta-se na pesquisa jornalística profunda, com contato de fontes pessoais e documentais, além da oportunidade de estar imerso no local do fato. Associando-se a base sólida da pesquisa jornalística com as novas tecnologias, é possível fazer um bom trabalho, colocando o Curso de Jornalismo da UFMS na vanguarda do ensino com perfil ético-social e contribuir para

que a preparação profissional não seja levada para outras vertentes da comunicação, como é o caso de conteúdos que pendem para publicidade, propaganda, marketing e o assessoramento de imprensa voltado para as elites.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. As técnicas do jornalismo. São Paulo: Ática, 1990.

BOGGIANI, Paulo César. A aplicação do conceito de Geoparque da UNESCO no Brasil e relação com o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. **Revista Patrimônio Geológico e Cultura**. Disponível em: <<http://geoturismobrasil.com/REVISTA%20ARTIGOS/artigo%20boggiani%20junho%202010.pdf>>. Acesso: 10 set. 2017.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição de República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso: 10 set. 2017.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso: 9 set. 2017

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei federal 10.741, de 01 de outubro de 2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm>. Acesso: 9 set. 2017

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam diferença**. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso: 6 set. 2017.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 2003.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso: 10 set. 2017.

FERNÁNDEZ, Maria Cecília Forneas. **¿Periodismo o literatura de viajes?** Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2004.

LENZI, Alexandre. **Multimedialização como valor-notícia de construção:** a experiência do UOL TAB 1. João Pessoa: Revista Latino-americana de Jornalismo, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/28305/15160>>. Acesso: 6 set. 2017

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2009.

LONGHI, Raquel. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo.** Disponível em: <<http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor6/files/2015/03/LONGHICIBERJOR.pdf>>. Acesso: 5 set. 2017.

LONGHI, Raquel; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online.** Universidade Federal de Santa Catarina: 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-3c242f70-9168-4dfd-ba4c-0b444ac7347b_2852.pdf>. Acesso: 6 set. 2017.

MARTÍNEZ, Mônica. **Narrativas de viagem:** escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. In: INTERCOM, 2012, São Paulo. São Paulo: RBCC, 2012, v.35, n. I, p.34-52.

MEDINA, Cremilda. **Notícia.** Um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (1948). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso: 29 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - HABITAT. **Declaração de Istambul Sobre Assentamentos Humanos** (1996). Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/legislacao/moradia-adequada/declaracoes/declaracao-de-istambul-sobre-a-ssentamentos-humanos>>. Acesso: 29 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração do Rio de Janeiro** (1992). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000200013>. Acesso: 29 ago. 2017.

RULL, David; SERRALONGA, Jordi. **Viajes y viajeros**. Barcelona: Niberta, 2008.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

SILVA, Edson. **La construcción social de la realidad de niños y adolescentes en la prensa de Campo Grande, Mato Grosso do Sul – Brasil**. Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **As categorias da narrativa literária**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2006.